

Um movimento entre as ruas e a galeria

Caixa Cultural abriga exposição 'Fabulosas desordens' e ajuda a firmar o grafite como cultura contemporânea

André Miranda

Das ruas para a galeria ou da galeria para as ruas? Ao ganhar uma das principais salas de exposição da cidade, o grafite vai além daquele blabláblá ultrapassado de que finalmente se consolidou como manifestação artística e assume de vez seu papel de vertente cultural carioca. Com influências no cinema, na publicidade, no design, na moda e — por que não? — em outras formas de artes plásticas.

A exposição “Fabulosas desordens”, iniciada na semana passada, na Caixa Cultural, é justamente uma prova da importância do grafite. A mostra segue até o dia 29 de abril, reunindo trabalhos inéditos de 18 artistas cariocas, paulistas, franceses e alemães, além de um americano e um espanhol, todos com o diferencial de terem transformado o grafite em seu ganha-pão. Além disso, a exposição trouxe debates, filmes, workshops e palestras.

Na mostra, pioneiros como o paulista Binho ou o alemão Loomit vieram para o Rio e criaram painéis exclusivos. Um vídeo, logo na entrada da galeria, mostra os grafiteiros confeccionando seus trabalhos.

Mais do que inédita, a exposição foi feita in loco: — Nos preocupamos em selecionar gente que tivesse um tempo de atuação no mercado e apelo na mídia. Todos vieram para cá dias antes e elaboraram seus trabalhos. Temos, portanto, um modo de construção bem peculiar. Uma série de elementos visuais que não eram planejados foram sendo adicionados — conta Daniela Labra, curadora da exposição.

Mercado do Rio está em expansão Uma característica do grafite é a de se adaptar à determinada arquitetura e criar, independentemente do local, uma arte ímpar, sem similares. Sua origem data do fim dos anos 1970, nos guetos americanos, como uma forma de manifestação de grupos excluídos. Dali, garantem os grafiteiros, ganhou o mundo.

— Na França, o grafite surgiu no início dos anos 1980, associado à cultura hip hop, como um de seus elementos. Descobrimos o hip hop e, a reboque, veio o grafite. Hoje, porém, ele se consolidou como uma cultura própria. Pode até estar presente no hip hop, mas pode aparecer também na música eletrônica, no rock. Tornou-se uma coisa muito maior — conta o grafiteiro francês Scien, que está com obras expostas no Rio em dupla com sua mulher, Klor. — Temos alguns espaços em galerias, mas a arte européia é muito antiga e tradicional.

Apesar de o grafite estar em todos os lugares, os grandes museus de Paris não dão oportunidade para exposições. Se na capital francesa é assim, no Rio, onde o grafite só foi aparecer com força nos anos 1990, a situação é menos animadora. Mas o mercado está em expansão.

Akuma, um grafiteiro de Niterói de 25 anos, também com trabalhos na Caixa Cultural, já foi contratado para fazer esculturas, cenários de teatro e carros alegóricos de escolas de samba. Sua única “formação acadêmica” na área das artes foi no colégio, com aquelas tradicionais aulas de

pintura.

— Comecei a grafitar em 1996, com 14 anos. Assistia a filmes e conheci uns pichadores. Acabei colocando meu nome em dez paredes, mas logo caí para o lado artístico da coisa — conta Akuma. — É como se a rua fosse um cenário a céu aberto.

A gente vê numa estrutura possibilidades que ninguém vê.

Outro grafiteiro nacional também presente na mostra, o carioca Ment, do grupo Nação Grafitti, tem uma resposta na ponta da língua à questão de o grafite ter se transformado numa atividade profissional. Erro de conceito, brinca.

— Eu não digo por aí que trabalho com grafite. O grafite é uma pintura que a gente faz na rua, sem pessoa alguma controlando o que vamos desenhar.

Mas é verdade que, hoje, consigo trabalhos suficientes para viver da minha arte. Tem até gente contratando para decorar apartamentos — diz Ment. — A “Fabulosas desordens” é uma prova da força que o grafite tem. Nunca tivemos tanta visibilidade como agora. Nem numa galeria, nem nas ruas.